



Nota de Imprensa

21 Outubro de 2009

***É PROIBIDO PROIBIR!* no MUDE – Museu do Design e da Moda**

O MUDE – Museu do Design e da Moda vai inaugurar, no piso 1, a Exposição *É proibido proibir!* no próximo dia 29 de Outubro, pelas 19 h. *É proibido proibir!* propõe-se viajar no tempo, remetendo para os finais dos anos 60 e início dos 70, através de uma apresentação de cerca de 60 peças, cruzando o design e a moda com o cinema, a literatura e a música, de modo a poder retratar a riqueza desta época.

É proibido proibir! pode ser visitada até ao próximo dia 31 de Janeiro de 2010, no piso 1, do MUDE, na Rua Augusta.

É PROIBIDO PROIBIR!

30 Outubro 2009 a 31 Janeiro 2010

“É proibido proibir!”, “Debaixo das pedras da calçada, a praia!” e “Quanto mais faço amor mais tenho vontade de fazer a revolução (e vice-versa)” são três slogans, escritos nas ruas de Paris em 1968, por entre graffitis e cartazes, que traduzem bem o espírito de libertação, contestação e revolução sexual em curso. Enquanto se discutia apaixonadamente, dia e noite, um novo futuro, a sociedade de consumo, as instituições e a moral vigente, fazia-se a apologia do prazer e do amor livre, recusando os costumes e as normas sociais. No outro lado do Atlântico, gritava-se *Make Love, Not War*. Viviam-se sob o espírito da contracultura e do flower power.

As palavras e a música d’*É proibido proibir!* que Caetano Veloso cantou em 1968 no âmbito do movimento Tropicália recebem os visitantes e dão o mote para o que esta exposição quer evocar: o final dos anos 60 e o início dos anos 70, como um tempo de forte contestação, experimentalismo, multiculturalismo, demolição dos estatutos e procura de uma plena liberdade.

No design, uma revolução estava também em curso. É essa revolução que esta exposição apresenta porque muitas das atitudes, pesquisas e reflexões do nosso tempo podem encontrar neste período os seus antecedentes, resultam dessas rupturas e utopias, nomeadamente a consciência e o compromisso de intervenção do design (presente nos movimentos de anti-design) ou o gosto claro pela experimentação e contaminação com as outras artes.

A exposição coloca o enfoque no continente europeu, sobretudo em Itália e Inglaterra, Milão e Londres, respectivamente. A exposição organiza-se em núcleos temáticos sobre o espírito de contracultura e anti-design, a efemeridade e a performatividade das propostas, o estar em colectivo e o vestuário como protesto. As peças apresentadas espelham a crise da sociedade de consumo, das instituições e da moral vigente que caracterizou a segunda metade dos anos 1960 e os primeiros anos de 1970. A atenção centra-se no corpo, não no corpo sentado, deitado ou em pé, mas antes num corpo em liberdade, em permanente mudança de posição, um corpo cuja posição indefinida e sempre em movimento exige do objecto que utiliza e apropria a mesma capacidade de se ajustar e convidar esse mesmo corpo a manter compulsivamente essa ambiguidade de posição. Um corpo que rompe com a Autoridade e que procura

novos espaços de vivência, novos modelos de assento e novo vestuário, seguindo uma lógica de prazer.